Journal de la Société des Américanistes

# Convívio e dependência. Os Tenetehara-Guajajara

Edson Soares Diniz

**Citer ce document / Cite this document :**

Soares Diniz Edson. Convívio e dependência. Os Tenetehara-Guajajara. In: Journal de la Société des Américanistes. Tome 69, 1983. pp. 117-127;

doi : https://doi.org/10.3406/jsa.1983.2227

https://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1983_num_69_1_2227

Fichier pdf généré le 05/05/2018

**Résumé**

Edson SOARES DINIZ : Coexistence et dépendance. Les Tenetehara-Guajajara. Cet article porte sur les changements subis par les Tenetehara-Guajajara du Maranhâo face à un contact avec les Blancs qui date du début du XVIIe siècle et s'est à la fois transformé et intensité . les Tenetehara-Guajajara ont connu des formes diverses de la société coloniale puis nationale : ils ont au cours des siècles coexisté avec des missionnaires, des colons, des éleveurs, des planteurs de coton, des extracteurs de noix de Babaçu et des riziculteurs. Le résultat de cette confrontation et de leur actuelle prise en charge par la FUNA1 est une transformation de leur modèle culturel (fixation de leurs villages près des postes indigénistes, scolarisation des enfants, interdiction de la polygynie, instauration de chefs non traditionnels), mais également la conservation de leur identité ethnique grâce à la pratique de leur langue, à la revitalisation de certaines coutumes comme l'uxorilocalité temporaire et le shamanisme, et à une solidarité communautaire créée face au monde extérieur.

**Resumen**

Este articulo trata de los cambios que han afectado a los Tenetehara-Guajajara del Maranhão a causa del contacto con los Blancos que remonta a comienzos del siglo XVII° y que se ha transformado e intensificado al mismo tiempo. Los Tenetehara-Guajajara han conocido diversas formas de la sociedad colonial luego nacional. En el curso de los siglos ellos han coexistido con los misioneros, los colonos, los ganaderos, los plantadores de algodón, los extractores de nuez de Babaçu y los arroceros. El resultado de esta confrontación y de la actual dependencia de los Indígenas de la FUNAI es la transform acion de su modèle cultural (fijación de sus aldeas cerca de los puestos indigenistas, escolarizacion de los niños, interdicción de la poliginia, instauración de jefes no tradicionales), pero también la conservación de su identidad étnica gracias a la práctica de su lengua, a la revitalización de ciertas costumbres como la uxorilocalidad temporaria y el chamanismo y a una solidaridad de la comunidad creada frente al mundo exterior.

**Abstract**

objective of a complex set of ritual actions. The relationship between eclipse and death is presented through myths and ritual prescriptions. At the end of the whole ritual which lasts for three days, the sun's disorder is checked, and the norms reestablished with healthy bodies, new paraphernalia, a restructured society, and renewed protection granted to the dead. Eventually the author gives us a list of unsolved problems, the origin myth of the eclipse, the links between abnormal sexual relationships and eclipses, the rebellion of artifacts and the role played by the jaguar, a series of questions which the available literature only approaches by allusion.

BY: $ = creative commons

# CONVÍVIO E DEPENDÊNCIA.
# OS TENETEHARA-GUAJAJARA

por Edson SOARES DINIZ

## I. — INTRODUÇÃO

Persée creative commons

Os grupos tribais que vivem no Estado do Maranhão já são todos bastante conhecidos dos Etnólogos. Aí vivem os Guajá, os Urubú-Kaapor, os Guajajara, os Canela (Ramkokamekra e Apaniekra) os Krĩkati e os Pukòbye. Os três primeiros são falantes da família lingüística Jê.

Tenetehara é a autodenominação geral que abrange os Tembé do Pará e os Guajajara do Maranhão. O objeto deste estudo são os Tenetehara-Guajajara que habitam os vales dos Rios Pindaré, Mearim e Grajaú. Vivem em reservas indígenas, recentemente demarcadas, sob a tutela da Fundação Nacional do Indio (F.U.N.A.I.), sucessora do Serviço de Proteção aos Indios (SPI) fundado em 1910 e extinto em 1967.

O contato entre os Tenetehara-Guajajara com alienígenas, europeus primeiramente e depois brasileiros, remonta à primeira metade do século XVII em encontros ocasionais e à segunda metade desse mesmo século quando foram missionizados pelos jesuítas. Obviamente que apenas parcelas desses indiígenas foram atingidas, uma vez que a maioria vivia em áreas então de difícil acesso. Com o correr do tempo o convívio interétnico foi se acentuando, e neste século, em particular na sua segunda metade, essa convivência tornou-se irreversível.

Mesmo traumatizada por todas as vicissitudes sofridas no decorrer de mais de três séculos, a sociedade Tenetehara-Guajajara conseguiu manter sua identidade. Assim, mesmo descaracterizados culturalmente conservam a língua, o sistema de parentesco, a residência uxorilocal temporária, a descendência bilateral, a poliginia ao lado do casamento predominantemente monogâmico, o xamanismo, a chefia e sua vida econômica, sendo estas duas facetas as mais atingidas pela indluência da sociedade dominante.

Charles Wagley e Eduardo Galvão, na primeira metade da década de 1940, foram os primeiros pesquisadores de campo que estudaram os Tenetehara-Guajajara. Nessa época a região habitada por esses índios ainda era grandemente isolada pela distância, ausência de rodovias, pela falta de interesse econômico, além de uma rarefeita população. Com a conclusão de Brasília, a nova Capital do país, localizada no Planalto Central, foi ini-

ciada a construção da rodovia Belém-Brasília. Em seguida a ação governamental voltou-se para a Amazônia onde foram introduzidos os chamados incentivos fiascais, com o objetivo de estimular projetos agro-pecuários e industriais (Lei n° 5.174 de 27/10/66). Na atualidade, a abertura de rodovias interestaduais e intermunicipais possibilitou a communicacão terrestre durante todo o ano. O sensível aumento demográfico regional, a dinamização das atividades econômicas e dos modernos meios de comunicação mudaram a face do panorama anterior.

A pesquisa de campo em que está baseado este trabalho foi efetuada em três etapas em 1977 (janeiro e setembro-novembro) e 1979 (janeiro). Abrangeu todas as reservas habitadas pelos Tenetehara-Guajajara, embora estas não tenham sido investigadas em sua totalidade. Foram pesquisadas apenas grupos locais sob a jurisdição dos postos indígenas Arariboia (aldeia Funil), Bacurizinho (aldeias Ipú, Bacurizinho e Cocal), Guajajara (aldeias São Pedro e Colônia) e Pindaré (aldeias Januária e Piçarra Preta), respectivamente localizadas nas reservas indígenas Arariboia (município de Amarante), Bacurizinho (município de Grajaú), Guajajara (município de Barra do Corda) e Pindaré (município de Bom Jardim). Não fizeram parte da amostragem as aldeias sob a jurisdição dos postos indígenas Cana Brava (reserva Guajajara), Angico Torto e Canudal (ambos na reserva Arariboia). Além da observação direta e das entrevistas com membros das sociedades indígena e brasileira, foram manuseados os arquivos dos postos indígenas visitados, da ajudância de Barra do Corda e da 6ª. Delegacia Regional da Funai, em São Luiz. Ao lado dos informes colhidos diretamente no campo, através de procedimentos formais e informais, foram consultadas fontes bibliográficas e, em particular, a modelar monografia de Wagley e Galvão.

## II. — A SITUAÇÃO REGIONAL

OS Estados do Maranhão e do Piauí apresentam-se como área de transição entre a Amazônia, o Brasil Central e o Nordeste, denominada Meio Norte.

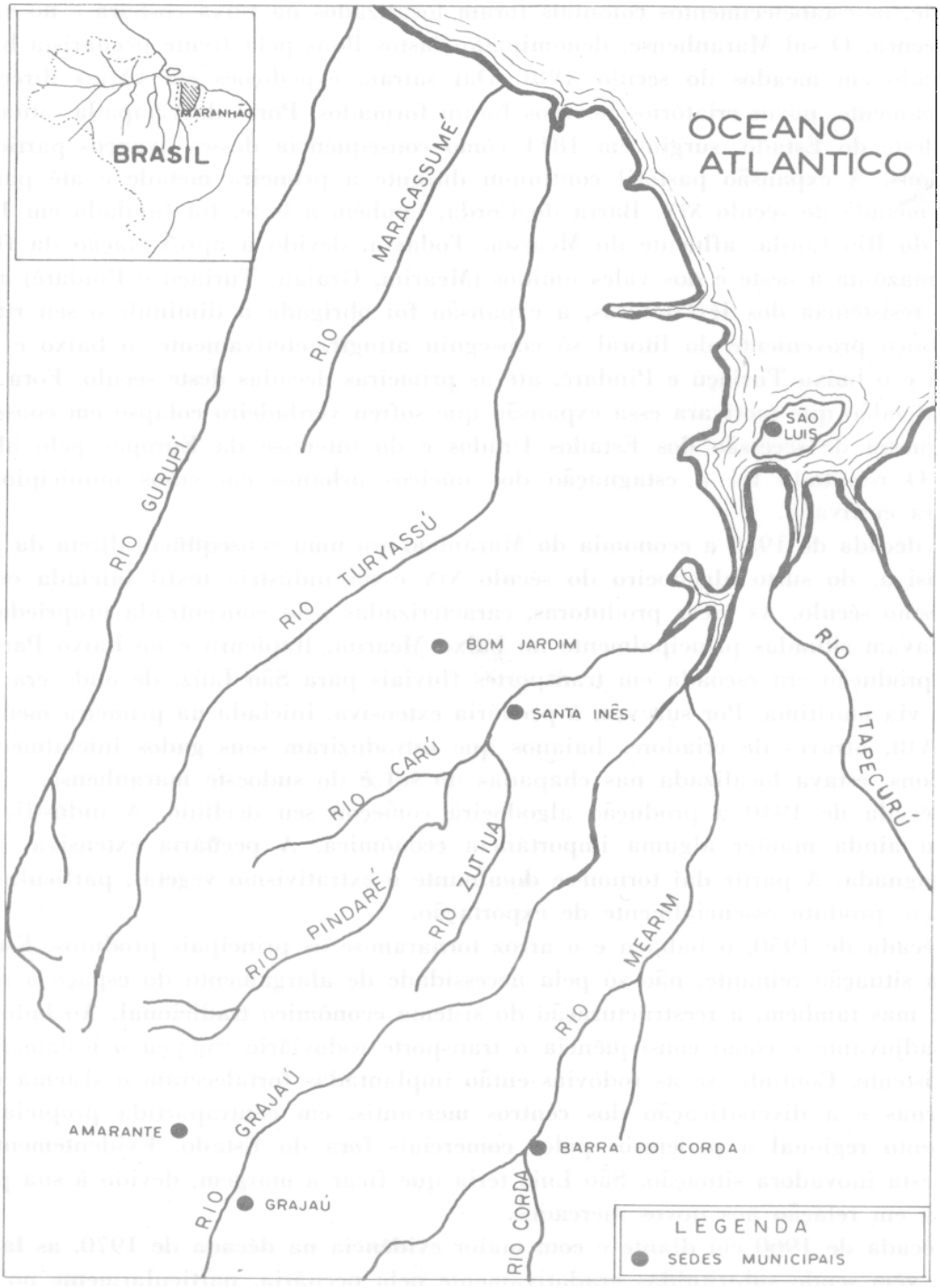
O Maranhão limita-se ao norte com on Oceano Atlântico, a leste e a sudeste com o Piauí, a sul e sudoeste com Goiás e a oeste com o Pará. Sua extensão territorial atinge 324.616 km$^2$. Está dividido em sete regiões ecológicas, a saber : Litoral, Baixada, Cerrado, Cocais, Pré-Amazônia, Chapadões e Planalto.

O clima maranhense apresenta-se em três tipos : equatorial, tropical úmido e tropical. O clima equatorial ocorre na hiléia maranhense que domina o nordeste do Estado, com características idênticas durante o ano inteiro e intensas precipitações ; o clima tropical úmido abrange toda a faixa litorânea, a região da baixada, a região dos cocais (exceto a área de clima equatorial), a região dos chapadões do centro-sul e trechos do leste dominado pelos cerrados ; o clima tropical tem sua ocorrência no centro-sul e sudoeste, nas regiões situadas no médio e alto Parnaíba.

Como à historicamente sabido, foram os franceses que fundaram São Luiz que, mais tarde, tornou-se a capital do Maranhão. Aí aportaram em 1612 e em 1615 foram expulsos pelos Lusos. Na ilha do Maranhão os franceses encontraram índios Tupinambá que não lhes ofereceram resistência e nem tampouco aos portugueses, posteriormente. Mas, havia índios hostis, inimigos dos Tupinambá, que com a chegada dos europeus refugiaram-se para o interior, de difícil acesso. Mesmo assim, os europeus escravizaram e massacraram

ISA 1983 62.1






MAPA Nº I

índios que se opunham aos seus interesses, livrando-se apenas aqueles que habitavam acima dos trechos facilmente navegáveis dos rios Itapecurú, Mearim e Pindaré. A dependência do trabalho indígena perdurou até meados do século XVIII, quando o fluxo de escravos negros para o Maranhão se regularizou. Devido às condições propícias de navegabilidade, os estabelecimentos coloniais foram localizados na faixa costeira e no vale do Rio Itapecurú. O sul Maranhense, denominado Pastos Bons pela frente pecuarista baiana, foi ocupado em meados do século XVIII. Daí saíram expedições em várias direções e, simultaneamente, novos criatórios bovinos foram formados. Porto da Chapada, atual Grajaú, no leste do Estado, surgiu em 1811 como conseqüência desses avanços partidos de Pastos Bons. A expansão pastoril continuou durante a primeira metade e até parte da segunda metade do século XIX. Barra do Corda, também a leste, foi fundada em 1840 à margem do Rio Corda, afluente do Mearim. Todavia, devido à aproximação da floresta da pré-amazônia a oeste e dos vales úmidos (Mearim, Grajaú, Turiaçu e Pindaré) a leste, além da resistência dos Jê-Timbiras, a expansão foi obrigada a diminuir o seu ritmo.

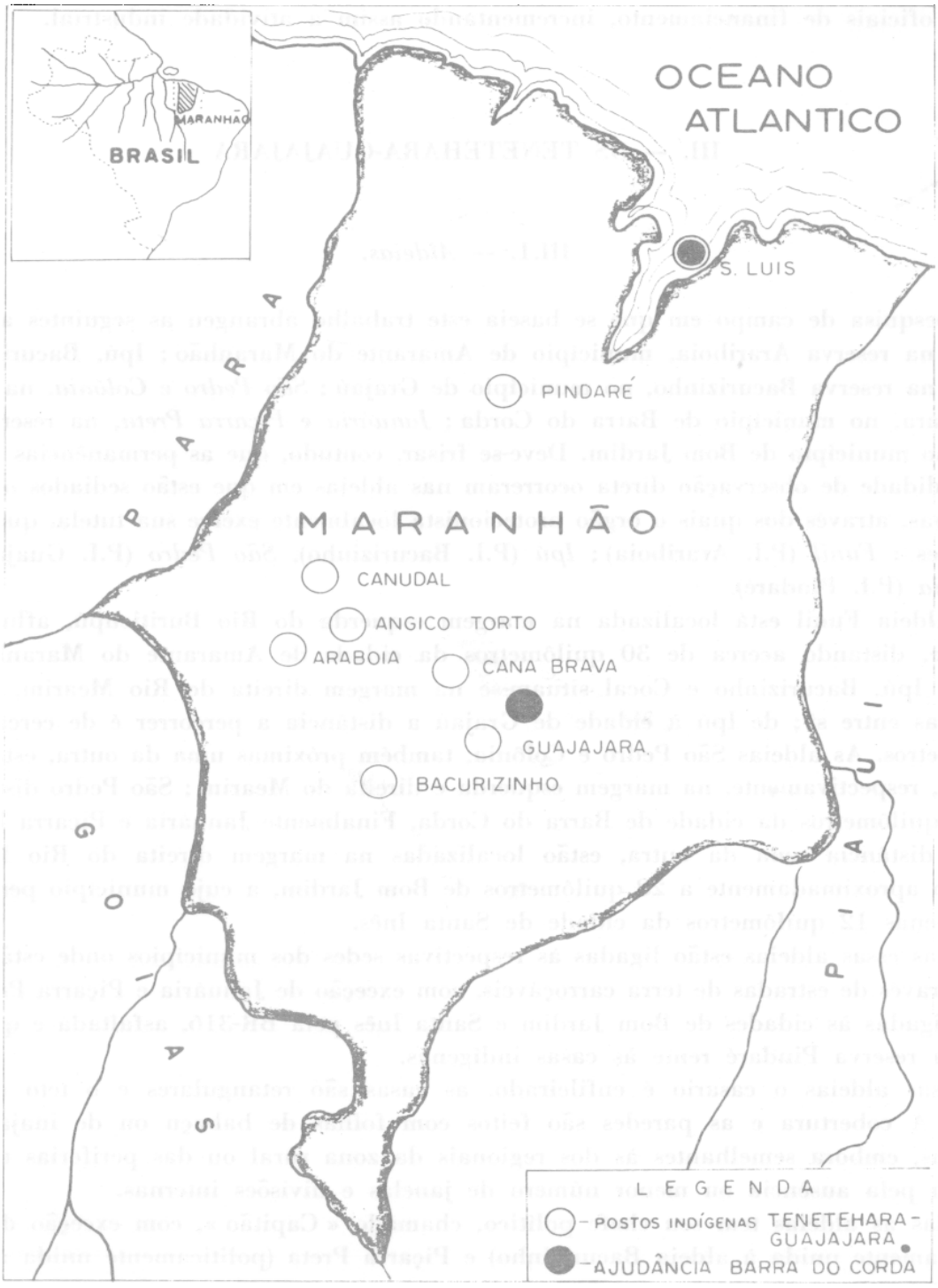
O avanço proveniente do litoral só conseguiu atingir, efetivamente, o baixo e médio Itapicurú e o baixo Turiaçú e Pindaré, até as primeiras décadas deste século. Fora o cultivo do algodão que motivara essa expansão que sofreu verdadeiro colapso em conseqüência da guerra de secessão dos Estados Unidos e do interesse da Europas pelo algodão egípcio. O resultado foi a estagnação dos núcleos urbanos em cujos municipios essa planta era cultivada.

Até a década de 1930 a economia do Maranhão era uma conseqüiicia direta da pecuária extensiva, do surto algodoeiro do século XIX e da indústria têxtil iniciada em fins desse mesmo século. As áreas produtoras, caracterizadas pela concentrada propriedade da terra, estavam situadas principalmente no baixo Mearim, Itapicurú e no baixo Parnaíba. Toda a produção era escoada em transportes fluviais para São Luiz, de onde era exportada por via marítima. Por sua vez, à pecuária extensiva, iniciada na primeira metade do século XVIII, através de criadores baianos que introduziram seus gados inicialmente em Pastos Bons, estava localizada nas chapadas do sul e do sudoeste maranhense.

Na década de 1940 a produção algodoeira começou seu declínio. A indústria têxtil conseguiu ainda manter alguma importância econômica. A pecuária extensiva, porém, ficou estagnada. A partir daí tornou-se dominante o extrativismo vegetal, particularmente do babaçu, produto essencialmente de exportação.

Na década de 1950, o babaçu e o arroz tornaram-se os principais produtos. Este fato mudou a situação reinante, não só pela necessidade de alargamento do espaço a ser trabalhado, mas também, a reestructuração do sistema econômico tradicional. Ao lado disso, como coadjuvante e como conseqüência o transporte rodoviário rompeu o isolamento até então existente. Contudo, se as rodovias então implantadas fortaleceram o sistema de trocas internas e a diversificação dos centros mercantis, em contrapartida propiciaram o engajamento regional a poderosos polos comerciais fora do Estado. Evidentemente que diante desta inovadora situação, São Luiz teria que ficar à margem, devido à sua posição periférica em relação aos novos mercados.

Na década de 1960 em diante e com maior evidência na década de 1970, as lavouras de arroz vêm sendo substituídas gradativamente pela pecuária, particularmente no médio Mearim e na região de Imperatriz. As empresas pecuárias e agro-pecuárias de grande porte se caracterizam pela racionalidade, devendo-se sua implantação à política dos incentivos fiscais desenvolvida pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).


BRASIL
MARANHÃO
OCEANO ATLANTICO
S. LUIS
PARA
PINDARÉ
MARANHÃO
CANUDAL
ANGICO TORTO
ARABOIA
CANA BRAVA
GUAJAJARA
BACURIZINHO
GOIAS
PIAUI
LEGENDA
POSTOS INDÍGENAS TENETEHARA-GUAJAJARA
AJUDÂNCIA BARRA DO CORDA

MAPA Nº 2

No que diz respeito às indústrias, pode-se dizer que voltam-se particularmente para o beneficiamento da produção agrícola. São pequenas empresas semi-artezanais e poucas indústrias de transformação de realce, restringindo grandemente a absorção de mão-de-obra. Todavia, a iniciativa governamental tem proporcionado grandes obras com apoio de órgãos oficiais de financiamento, incrementando assim a atividade industrial.

## III. — OS TENETEHARA-GUAJAJARA

### III.1. — *Aldeias.*

A pesquisa de campo em que se baseia este trabalho abrangeu as seguintes aldeias : Funil, na reserva Arariboia, município de Amarante do Maranhão ; Ipú, Bacurizinho e Cocal, na reserva Bacurizinho, no município de Grajaú ; *São Pedro* e *Colônia*, na reserva Guajajara, no município de Barra do Corda ; *Januária* e *Piçarra Preta*, na reserva Pindaré, no município de Bom Jardim. Deve-se frisar, contudo, que as permanências e maior profundidade de observação direta ocorreram nas aldeias em que estão sediados os postos indígenas, através dos quais o órgão protecionista localmente exerce sua tutela, que são as seguintes : *Funil* (P.I. Arariboia) ; *Ipú* (P.I. Bacurizinho), *São Pedro* (P.I. Guajajara) e *Januária* (P.I. Pindaré).

A aldeia Funil está localizada na margem esquerda do Rio Buriticupú, afluente do Pindaré, distando acerca de 30 quilômetros da cidade de Amarante do Maranhão. As aldeias Ipú, Bacurizinho e Cocal situam-se na margem direita do Rio Mearim, estando próximas entre sí ; de Ipú à cidade de Grajaú a distância a percorrer é de cerca de 24 quilômetros. As aldeias São Pedro e Colônia, também próximas uma da outra, estão localizadas, respectivamente, na margem esquerda e direita do Mearim ; São Pedro dista cerca de 60 quilômetros da cidade de Barra do Corda. Finalmente Januária e Piçarra Preta, a pouca distância uma da outra, estão localizadas na margem direita do Rio Pindaré, ficando aproximadamente a 28 quilômetros de Bom Jardim, a cujo município pertencem. e a apenas 12 quilômetros da cidade de Santa Inês.

Todas essas aldeias estão ligadas às respectivas sedes dos municípios onde estão situadas, através de estradas de terra carroçáveis, com exceção de Januária e Piçarra Preta que estão ligadas às cidades de Bom Jardim e Santa Inês pela BR-316, asfaltada e que atravessa a reserva Pindaré rente às casas indígenas.

Nessas aldeias o casario é enfileirado, as casas são retangulares e o teto de duas águas. A cobertura e as paredes são feitos com folhas de babaçu ou de inajá. Essas moradas, embora semelhantes às dos regionais da zona rural ou das periferias urbanas, diferem pela ausência ou menor número de janelas e divisões internas.

Todas as aldeias tem seu chefe político, chamado « Capitão », com exceção de Cocal (politicamente unida à aldeia Bacurizinho) e Piçarra Preta (politicamente unida à aldeia Januária).

Nesses aldeamentos há escolas, nas quais lecionam indígenas chamados « monitores bilingues », excetuando-se Cocal e Piçarra Preta cujas crianças e jovens estudam, respectivamente, nas aldeias Bacurizinho e Januária, embora nesta só tenham lecionado alienígenas, estando sem professor no período da pesquisa.

### III.2. — *Situação Econômica.*

Os recursos econômicos dos Tenetehara-Guajajara são trabalho, terra, agricultura, caça, pesca e coleta. A força do trabalho é voltada para a produção interna do grupo e para venda aos regionais, o que tem diminuido muito nos últimos anos por determinação do órgão protetor. A terra disponível está compreendia aos limites das reservas. A agricultura continua predominantemente de subsistência, com reduzido montante para venda. A caça é a atividade mais importante depois da agricultura. A pesca e a coleta de frutos comestíveis são menos importantes, embora esta última não seja desprezível. O extrativismo vegetal também é praticado para fins comerciais com os regionais, particularmente o coco babaçu na reserva Pindaré. Para a confecção de suas casas, utilizam as folhas das palmeiras babaçu e inajá.

O cultivo ocupa o esforço dos membros das famílias elementares, havendo a chamada « troca de dia » entre componentes de parentelas e, ocasionalmente, o trabalho remunerado. O alimento diário é a farinha de mandioca em associação com carne ou peixe, mas principalmente na forma de « chibé », isto é, misturada com água. Plantam a mandioca mansa que serve para fazer mingau e a mandioca brava de que confeccionam a farinha. As outras plantas são milho, feijão, abóbora, cará, melancia, amendoim, fumo, algodão, arroz, banana, mamão, etc.

As roças são medidas em « linhas », o equivalente a 25 braças quadradas ou aproximadamente 2.500 $m^2$. Os instrumentos usados na faina agrícola são : machado, facão, enxada. As primeiras plantações são feitas no mês de novembro, quando ocorrem as primeiras chuvas.

A caça de animais silvestres é muito praticada, porém não dão ênfase à pesca ; mas a coleta de frutos comestíveis contribui bastante para a subsistência, porém sua maior ocorrência é na estação chuvosa, de dezembro a junho.

Homens e mulheres, principalmente estas estão se dedicando à confecção de peças de artezanato para a venda aos regionais e outros interessados. As redes de dormir são feitas com grande esmero. Nos últimos anos o Funrural em convênio com a FUNAI tem aposentado todos os indivíduos maiores de 65 anos de ambos os sexos e as viúvas. A venda de animais domésticos também é feita, pois existem em todas as aldeias, em maior ou menor escala.

A maioria dos objetos usados é obtida através do comércio com os regionais. Nas casas pode haver maior ou menor número de bens manufaturados, os quais geralmente são constituidos de equipamento para obtenção da subsistência, utensílios domésticos e vestuário.

A divisão de trabalho entre os sexos certamente devido ao prolongado contato interétnico já não segue a rigidez de outrora. Atualmente os homens fazem muitas tarefas que eram exclusivas da mulher, principalmente no que diz respeito ao fabrico da farinha de mandioca. Na reserva Pindaré ambos os sexos, adultos e crianças, dedicam-se à quebra do coco babaçu, cuja amêndoa é vendida ao comércio regional.

### III.3. — *Organização Social.*

O sistema de parentesco dos Tenetehara-Guajajara continua operativo. Na primeira geração ascendente há fusão terminológica, pois o irmão do pai é chamado pai e a irmã

da mãe é designada mãe. O irmão da mãe e a irmã do pai, contudo, recebem termos específicos. Na geração de ego, os primos paralelos e cruzados matrilaterais e patrilaterais são identificados como irmãos, equivalendo à terminologia do tipo hawaiano da classificação de Murdock. Nas gerações alternadas também há fusão terminológica, pois os pais dos pais são chamados avós e os filhos dos filhos são chamados netos. A descendência é bilateral, isto é, enfatizaram o parentesco com a parentela de ambos os pais. Praticam a matrilocalidade e a uxorilocalidade temporária.

Os Tenetehara-Guajajara praticam predominantemente o casamento monogâmico e, em menor escala, a poliginia simples e sororal. Todavia, a união entre parentes próximos, tais como primos paralelos e cruzados, irmão da mãe e filha da irmã, etc., é proibida. Se, contudo, esse parentesco for distante, nada impede o casamento ; a palavra *moetehara* é indicativa de parentes distantes, quando acrescentada ao termo de parentesco. Wagley e Galvão referem-se que após o pai ter escolhido o futuro genro, chama-o e discute a possibilidade do casamento. Se houver concordância, o genro transporta seus pertences para a casa do sogro, passando desde então a cooperar com ele ou com a parentela da esposa nas diversas atividades. Afirmam, esses autores, que o rapaz também podia escolher uma esposa pela sua própria iniciativa. Os casamentos podem ocorrer durante a chamada « festa do moqueado », rito de passagem das adolescentes para a vida adulta. Essas uniões ocorrem muito cedo, as moças entre 13 e 15 anos e os rapazes entre 16 e 18 anos e, em alguns casos, com menor idade ainda uns e outros. Geralmente os casamentos são efetuados entre pessoas da mesma aldeia ou de grupos locais vizinhos. Atualmente, pelo menos nas aldeias sedes dos postos vizinhos ou naquelas que ficam próximas, o casamento é formalmente feito pelo encarregado do posto indígena que registra o acontecimento num livro próprio. Após o nascimento do primeiro filho o casal pode deixar a residência uxorilocal, indo morar perto de sua própria parentela ou construîr uma casa contígua à do sogro ou mesmo continuar residindo com este. Aqueles que praticam a poliginia são, em geral, líderes de grandes parentelas e suas esposas têm parentesco consaguíneo. Há casos de um indíviduo primeiramente casar com uma viúva e, posteriormente, casar também com a filha desta ou alguma sua parenta próxima. Na aldeia São Pedro há um indivíduo casado com uma viúva, com a filha dela e com outra mulher vinda de outra aldeia. Nessa mesma aldeia o chefe político, « Capitão », pratica a poliginia sororal, tendo duas irmãs como co-esposas. Na aldeia colônia o « Capitão » possui quatro esposas, parentas entre si, tendo a mais jovem, em 1977, apenas 13 anos de idade. Na aldeia Funil há um indíviduo que pratica também a poliginia sororal, tendo duas irmãs como co-esposas. Igualmente na aldeia Januária há um homem com duas esposas, não irmãs, mas ao contrário dos demais casos em que a morada era única, as duas co-esposas moravam em casas separadas. Wagley e Galvão (1955 : 39) relatam que : « Atualmente a poliginia é proibida pelo SPI. Quando nos demoramos no Posto Gonçalves Dias (agora denominado Pindará, *ESD*), dois Tenetehara foram ameaçados de prisão pelo encarregado, porque possuiam mais de uma esposa. Na aldeia Januária, porém, sob as vistas do administrador, um Tenetehara vivia com duas esposas. Convencera ao administrador que a mulher mais velha era a esposa, a mais moça, filha desta. Seus companheiros, porém, insistiam em que ambas eram suas esposas ». Em suma, um grupo doméstico Tenetehara-Guajajara é, via de regra, constituido por um casal e seus filhos solteiros e/ou recém-casados. Os desvios da norma ocorrem, mais frequentemente, quando há casamentos políginos ; quando o casamento se dissolve pela morte de um dos cônjuges e o cônjuge sobrevivente não casa ; ou, ainda, no caso de residência uxorilocal se prolongar após o nasci-

mento do primogênito do casal. Evidentemente que os casamentos também se dissolvem pelo divórcio, mas comumente os cônjuges separados casam-se com novos parceiros.

## IV. — CONVÍVIO E DEPENDÊNCIA

O convívio dos Tenetehara-Guajajara com os europeus efetivamente ocorreu pelos meados do século XVII, quando em 1653 os jesuítas iniciaram a catequese daqueles que habitavam o baixo Rio Pindaré, a qual se prolongou até sua expulsão em 1759. Há uma referência anterior de que os franceses em 1615, antes da sua expulsão da ilha do Maranhão, teriam contactado índios no alto Pindaré, certamente Tenetehara-Guajajara. Somente no século XIX aparecem as primeiras referências aos Tenetehara-Guajajara que viviam às margens dos rios Mearim e Grajaú.

A partir do final do século XVIII os « civilizados », passaram a invadir a área habitada pelos Tenetehara-Guajajara do alto do Rio Pindaré. Aí foram fundados povoados, sendo comum nessa época as uniões entre homens « brancos » e mulheres índias. Os homens eram aproveitados como mão-de-obra na coleta da borracha e como tripulantes das canoas de transporte.

Na primeira metade da década de 1940, época da pesquisa de campo de Wagley e Galvão, a área habitada pelos Tenetehara-Guajajara era isolada, oferecendo pouco interesse econômico. Porém, a partir de 1960 esse marasmo foi substituido, gradativamente, pelo dinamismo comercial advindo em consequência da abertura de rodovias intermunicipais ligadas às rodovias interestaduais. Aumentou o número de veículos motorizados, possibilitando o tráfego terrestre durante todo o ano, o que era impossível anteriormente. O contingente demográfico cresceu sensivelmente, intensificaram-se as trocas comerciais e a especulação imobiliária, grandes projetos agro-pastoris foram incentivados pela ação governamental. A população que em 1940 era de 1.231.955 pessoas atingiu a cifra de 4.002.599 indivíduos, segundo dados do recenseamento de 1980. Por seu turno, a população Tenetehara-Guajajara que em 1940 era de 2.000 atualmente é calculada em cerca de 5.000 indígenas.

A nova situação criou muitas dificuldades para os agricultores pobres que foram expulsos para novas áreas, inclusive tornando-se possseiros de terras dos Tenetehara-Guajajara fato que nos últimos anos antes das recentes demarcações das reservas, gerou graves conflitos entre esses indígenas e os pequenos lavradores. No Maranhão ocorreu grande exarcebação de conflitos pela posse da terra, pela não legalização da situação fundiária dos seus ocupantes de pequeno poder aquisitivo e pela ação incontrolada da grilagem cartorial.

Apesar das mudanças ocorridas na ambiência regional desde a primeira metade da década de 1940 até o final da década de 1970, os Tenetehara-Guajajara, como um todo, continuam vivendo preponderantemente de acordo com seus sistemas adaptativo, associativo e ideológico, semelhantemente tal como foram registrados por Wagley e Galvão referente à parcela que vivia no rio Pindaré.

Evidentemente que a intensificação do convívio intersocietário com membros da sociedade regional, envolvente e dominante, causou sérios transtornos para o sistema social tribal no conjunto. Mas, por outro lado, os litígios e situações conflitantes pela posse das

terras que tradicionalmente habitam, lhes proporcionou uma grande coesão interna. Esta coesão possibilitou uma reação firme e até belicosa contra os invasores e, também, solidificou as condições para pressionar o órgão protecionista, ajudados pela opinião pública esclarecida dos grandes centros citadinos, a demarcar suas reservas. Estas, constituem certamente um fator preponderante para revigoramento e revivescência de seus padrões culturais, em moldes tribais. A isso deve-se acrescentar a persistência dos meios tradicionais de sustento cotidiano que contribuem para a manutenção de seu modo de vida peculiar. Pode-se afirmar, baseado na pesquisa empírica, que os Tenetehara-Guajajara nos dias de hoje, no conjunto tribal, não apresentam modificações em sua organização econômico-social de grande monta, apesar de nesses quase quarenta anos terem sido removidas muitas barreiras no sentido da modernização da área em que vivem.

## V. — CONCLUSÃO

Ao contrário da expectativa de grande mudança na sociedade Tenetehara-Guajajara no decorrer de quase quarenta anos, devido às transformações ocorridas na ambiência regional, o que se percebe é uma tendência ao reavivamento dos padrões tradicionais da cultura indígena. Isto se percebe facilmente não só pela manutenção da língua indígena entre si, mas também na ênfase do xamanismo e do ritual de iniciação das jovens. De imediato verifica-se, no convívio diário, é a solidariedade tribal em defesa das terras frente aos invasores ou pretensos proprietários de faixas que adentram as reservas, pois têm plena consciência que elas são fundamentais para sua sobrevivência como grupo.

A economia de subsistência, baseada na agricultura de derruba e queima, na caça e secundariamente na coleta e na pesca contínua sendo completamente operada pelos Tenetehara-Guajajara. Mas, ao lado disso vendem o pequeno excedente e às vezes sacrificam o próprio auto-consumo para obter bens manufaturados. A venda da força de trabalho em atividades braçais foi diminuida, pela proibição do órgão protetor. Todavia, o artesanato, embora nem sempre com o esmêro desejável quanto à durabilidade, carreia dinheiro para compra de suas necessidades advindas com o convívio interétnico.

Decorridos cerca de quarenta anos da pesquisa de Wagley e Galvão, com exceção de integração efetiva de alguns indivíduos, como grupo os Tenetehara-Guajajara mantêm seus padrões culturais tradicionais, mesmo sem abdicar dos bens manufaturados obtidos com os « brancos » e da « proteção » governamental, através dos postos indígenas da FUNAI. Obviamente que a ambivalência de comportamento própria de quemtem que viver e se adaptar a dois mundos culturais diferentes, é a tônica mais evidente no processo de interação econômico social que vêm enfrentando há três séculos. Daí a afetação sofrida nos domínios ergológico, associativo e ideológico, fato que se reflete em todo o sistema social indígena.

## BIBLIOGRAFIA

BETTENDORF, João Felipe, 1910. Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. LXXXII, parte I.

ABBÉVILLE, Claude D', 1945. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão* (Paris, 1614). São Paulo.

DINIZ, Edson Soares, 1982. *Os Indios Tenetehara-Guajajara e seu convívio com os Regionais*. UNESP, Publicação Avulsa n° 38, série Etnologia n° 02. Marília, São Paulo.

DINIZ, Edson Soares & LAIS M. Cardia, 1979. A situação atual dos índios Tenetehara. *Revista de Antropologia*, vol. XXII. São Paulo.

F.I.B.G.E., 1981. Sinopse preliminar do censo demográfico. IX. Recenseamento Geral do Brasil (1980), vol. I, tomo I, n° 1. (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Rio de Janeiro.

MURDOCK, George P., 1966. *Social Structure*. 2ª ed. MacMillan. New York.

WAGLEY, Charles & Eduardo Galvão, 1955. *Os índios Tenetehara (Uma cultura em transição)*. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro.

Edson SOARES DINIZ : *Coexistence et dépendance. Les Tenetehara-Guajajara.*

Cet article porte sur les changements subis par les Tenetehara-Guajajara du Maranhão face à un contact avec les Blancs qui date du début du XVII[e] siècle et s'est à la fois transformé et intensifié. Les Ténétéhara-Guajajara ont connu des formes diverses de la société coloniale puis nationale : ils ont au cours des siècles coexisté avec des missionnaires, des colons, des éleveurs, des planteurs de coton, des extracteurs de noix de Babaçu et des riziculteurs. Le résultat de cette confrontation et de leur actuelle prise en charge par la FUNAI est une transformation de leur modèle culturel (fixation de leurs villages près des postes indigénistes, scolarisation des enfants, interdiction de la polygynie, instauration de chefs non traditionnels), mais également la conservation de leur identité ethnique grâce à la pratique de leur langue, à la revitalisation de certaines coutumes comme l'uxorilocalité temporaire et le shamanisme, et à une solidarité communautaire créée face au monde extérieur.

Este artículo trata de los cambios que han afectado a los Tenetehara-Guajajara del Maranhão a causa del contacto con los Blancos que remonta a comienzos del siglo XVII° y que se ha transformado e intensificado al mismo tiempo. Los Tenetehara-Guajajara han conocido diversas formas de la sociedad colonial luego nacional. En el curso de los siglos ellos han coexistido con los misioneros, los colonos, los ganaderos, los plantadores de algodón, los extractores de nuez de Babaçu y los arroceros. El resultado de esta confrontación y de la actual dependencia de los Indígenas de la FUNAI es la transformacion de su modelo cultural (fijación de sus aldeas cerca de los puestos indigenistas, escolarizacion de los niños, interdicción de la poliginia, instauración de jefes no tradicionales), pero también la conservación de su identidad étnica gracias a la práctica de su lengua, a la revitalización de ciertas costumbres como la uxorilocalidad temporaria y el chamanismo y a una solidaridad de la comunidad creada frente al mundo exterior.

This paper deals with Tenetehara Guajajara alterations resulting from their contacts with white people from the beginning of the 17th century onward. These contacts have ultimately intensified and Tenetehara Guajajara have experienced very different forms of colonial then national presence in their territory: missionary activities, farming, cattle-raising, cotton-planting, trading and rice-growing. That lengthy confrontation and their present subordination to the FUNAI administration have caused cultural modification. They have now settled in permanent villages close to the Indian posts, the children go to school, polygyny is prohibited, new leaders have emerged. But they are also recovering their ethnic identity through revival of old customs (temporary uxorilocality, shamanism) and increasing their communal solidarity vis-à-vis the outside world.